

“Viver de tudo que tem na maré”: memórias, experiências e tradições de marisqueiras em Ilhéus, 1960-2008.

LUIZ HENRIQUE DOS SANTOS BLUME¹

As marisqueiras de Ilhéus aproveitam-se do fato de morarem em regiões próximas do mangue, geralmente aterradas após ocupações de áreas próximas ou mesmo de manguezal, para realizarem suas atividades. Apesar de suas casas terem sido construídas sobre a faixa de mangue e, por isso, tornarem-se uma ameaça à própria existência do mangue, pois os detritos de lixo e esgoto, num primeiro momento, foram despojados no mangue, elas criam táticas para a ocupação dessas áreas que lhes possibilitem o acesso direto à área de mangue.

Nas conversas que tivemos com as marisqueiras e pescadores artesanais de Ilhéus, alguns demonstraram uma clareza sobre a importância da manutenção da biodiversidade. Estas marisqueiras e pescadores mantêm uma relação de dependência em relação aos mangues, rios, lagoas e mar. Faz parte desta tradição de pescadores artesanais, a utilização de apetrechos de pesca obtidos com materiais conseguidos na área de mangue, como a *canabrava*, utilizada para a construção do *monzoá*, armadilha de pesca utilizada por marisqueiras e pescadores na captura da *moréia*, *aratu*, *siri*, *caranguejo*, *bagre* e outras espécies de peixes do mangue.

Da mesma forma, o equilíbrio ambiental na coleta, cata e reprodução das espécies é parte desta tradição, pois as marisqueiras e pescadores artesanais sabem da importância de se preservar certos lugares de pesca da ação humana predatória e destruidora. Dessa forma, têm consciência de que a construção de casas sobre os manguezais, sem infra-estrutura sanitária, fatalmente diminuirá ou mesmo eliminará a presença de siris e mariscos.

Algumas narrativas trazem alguns embates dos pescadores do bairro São Miguel com outros pescadores, vindos de outras cidades da região e mesmo com barcos de pesca de médio porte, na disputa por mercados.

Isso mostra a presença constante de conflitos de interesses e pressões na pesca, sendo que os pescadores artesanais são o elo mais frágil dessa cadeia produtiva. Além disso, a super exploração dos recursos naturais, dos ambientes de mangue, a ausência de

¹ Professor da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz. Doutorando em História na PUCSP.

saneamento básico, a poluição dos rios Almada e Cachoeira, tornam mais difíceis a exploração e venda dos pescados.

A conversa com a marisqueira Dulciene e seu irmão Antônio indicam a destruição de armadilhas de pesca na praia, por barcos “de fora” da comunidade de pescadores do São Miguel.

Antônio – “... eles não respeitam o limite da área que eles devem pescar e o material que eles pescam também tem áreas de pesca aí que eles já devastaram (...). (...) Então quando ele passa com aquelas placas, aquela rede, ele tira todo o sedimento do fundo do mar, tirando, aqueles sedimentos são levados pelas correntes marítimas, eles não ficam ali naquele local, eles só ficam ali, fica tipo um, uma plantação, tirou a plantação fica só o chão limpo, aí se você não conseguir adubar ali, isso é feito pela natureza mesmo, tá entendendo? Mas só que a embarcação, essas embarcações motorizadas, não deixa, não tem o limite para pescar”²

Este tema da crítica à pesca de arrasto por barcos motorizados é um constante motivo de conflito com os pescadores artesanais, principalmente entre aqueles que praticam a pesca de calão e a pesca em barcos motorizados na baía de Ilhéus. No entanto, percebemos que tanto os órgãos de pesca como a Capitania dos Portos, quanto o IBAMA, não possuem uma fiscalização eficaz no combate a esta prática. Este tem sido um tema frequente nas reuniões de pescadores artesanais, e uma queixa constante dos pescadores às colônias, que não tem o poder de fiscalizar ou mesmo multar os barcos de pesca que praticam a pesca de arrasto.

Nas narrativas dos pescadores artesanais a pesca de arrasto tem sido motivo de descontentamento, mas percebi certa ambiguidade nas falas, uma vez que alguns pescadores admitiram praticar o arrasto. A defesa da pesca de calão diante da pesca de arrasto com barco motorizado indica a presença forte de uma arte de pesca tradicional, não predatória, mesmo que cada vez mais empurrada pelos baixos estoques de peixes e pela competitividade dos barcos industriais ou mesmo dos grandes barcos motorizados.

A conversa que tivemos com o presidente da colônia Z-34, Zé Neguinho, é representativa desta preocupação. Apesar de seu discurso inicialmente procurar enaltecer a organização da colônia sob a sua presidência, sua narrativa trouxe elementos

² Entrevista com Dulciene Costa Santos – “Cica” e Antônio José Rodrigues, em 09.01.2009, na residência de Dona Sione, no bairro São Miguel, em Ilhéus, BA. Entrevista realizada por Fabiana Andrade e revisada por Luiz Henrique dos Santos Blume.

importantes para esta discussão. Apesar das divergências, sua posição tem muito em comum com a narrativa de Dulciene e seu irmão Antônio, quando questionaram a ação dos barcos de arrasto na baía de Ilhéus. De acordo com Zé Neguinho, hoje existem mais de 100 barcos de arrasto atuando na baía de Ilhéus, além dos barcos de pesca de outras regiões do país.

Zé Neguinho defende a pesca de calão, que segundo ele não é predatória, pois “*o pescador não pode chegar a cavar o mar, cavar a areia, mas o motor cava.*” Comparando o trabalho realizado pelo barco a motor e o trabalho realizado pelos pescadores no calão, Zé Neguinho traz uma dimensão *humana* do trabalho, em que o pescador pode controlar a sua força de trabalho e a exploração da natureza, de modo que a vida e a reprodução do ambiente em que sobrevive sejam preservados. Assim, ele nos diz:

“Até porque a pesca de calão, você como um homem, você não pode estar o dia todo, pescando. (...) você chega quatro horas da manhã, quando é oito horas, nove horas, você já botou sua rede, já foi pra casa para descansar, o mar precisa descansar. Assim, o mar fica descansando, um dia e uma noite. O motor, não, é de dia e de noite, ali.”³

Esta concepção de que o *pescador* precisa descansar, assim como o *mar*, pode dar uma dimensão da relação que estes pescadores e marisqueiras procuram manter com o ambiente em que vivem e dependem para a sua sobrevivência. Mais do que um discurso, a relação com o meio ambiente é uma relação de dependência e de *respeito*, quase como uma *devoção*.

Não se trata necessariamente de um discurso ecologicamente correto o mais aplicado, mas uma defesa das artes da pesca tradicionais, de baixo impacto ambiental e também de baixa produtividade. O que os pescadores questionam não é necessariamente a embarcação de arrasto em si, mas o prejuízo que elas causam na pesca posterior nos mangues, rios e na baía de Ilhéus.

Estas narrativas tratam das *artes da pesca* e das dificuldades em manter-se uma tradição de pesca artesanal, no enfrentamento da especulação urbana, favelização dos mangues e margens dos rios, avanço do mar por conta do porto do Malhado, e das

³ SANTOS, Reinaldo Oliveira dos (Zé Neguinho). (61 anos). Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume, na sede da peixaria da colônia de pescadores Z-34, no bairro do Malhado, na Av. Antonio Carlos Magalhães, 360, Malhado, Ilhéus, em 23.02.2008. Gravação em fita cassete. Duração: 0:25. (11 págs.)

disputas pelos mariscos, com o aumento da população pobre de Ilhéus que partiu para a mariscagem como forma de sobrevivência.

Além disso, nos trazem uma preocupação com a manutenção das artes da pesca e a continuidade desta atividade, pela destruição dos ambientes naturais onde os pescadores e marisqueiras retiram sua sobrevivência. Assim é que dona Rosemeire nos fala dessa problemática:

“(...) Mas eu nunca peguei uma fêmea, sempre jogo de volta, e eu acho revoltoso quem leva uma fêmea para casa, porque é, ali tem mais de duzentos filhotes . (...)Porque eu não vou assassinar a minha renda, não é? E aí eu vou fazer mal para mim mesma, né, porque seu eu acabar com a produção do que eu lucro, aí eu vou ter, no futuro eu vou procurar um siri e não vou achar, porque eu peguei firme para, não é, eu não deixei a bichinha se desenvolver, parir. A fêmea ovada, eu acho que ninguém devia pegar, né? (...).”⁴

Assim, Dona Rosemeire traz uma dimensão de *futuro*, ao criticar as marisqueiras ou pescadores que fazem a pesca de fêmeas, sem terem a preocupação com a continuidade da criação dos siris. Em outro momento de sua narrativa, também faz a crítica à ocupação dos mangues, locais de reprodução de várias espécies e criatório de peixes: *“O mangue tá uma vergonha. O mangue tá uma vergonha”*.⁵

Aqui o tema da degradação ambiental ganha uma crítica mais grave, pois para a marisqueira, não é apenas uma dimensão ecológica, mas também *moral*, a degradação das áreas onde ela retira o seu sustento. Além disso, Dona Rosemeire demonstra uma articulação com outros conhecimentos, adquiridos na escola onde estuda o secundário. Esta interação entre uma escolaridade formal e a experiência de vida é um elemento importante na sua narrativa, pois a maioria das marisqueiras com quem conversei não teve acesso à educação formal. Assim, sua narrativa incorpora outros conceitos, vindos de um universo formal de educação, como a ideia de *habitat*, valorizando sua experiência de estudante e marisqueira:

⁴**MARQUES**, Rosemeire Maria. Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência da marisqueira, no bairro São Miguel, Ilhéus, em 13.09.2008. Gravado em Fita Cassete 1 (Lado A e Lado B) e áudio .wav, 16.5 MB. Duração 1:08:25.(34 págs.).

⁵ **MARQUES**, Rosemeire Maria. Entrevista citada.

“Como nós fizemos um trabalho, tem uns cinco anos que a gente fez um trabalho lá no colégio, caranguejo, o professor de Geografia fez um estudo, diz que daqui a quinze, vinte anos, não vai existir mais. Porque se não tem o hábitat, né, o hábitat, assim, dele, como é que vai ter, como é que vai ser? Então eu acho muito ruim isso, para a gente, né?”⁶

Nesta conversa com Dona Rosemeire, além do fato dela demonstrar uma preocupação muito grande com a continuidade de suas atividades enquanto marisqueira, ela também nos falou de suas andanças, até conseguir construir sua casa e criar seus filhos. O aumento das populações pobres que passaram a mariscar, pescar e coletar é sentido nas vidas dessas mulheres marisqueiras. Acostumadas a lidar com a pesca e mariscagem desde crianças, têm sentido os efeitos do aumento da procura do marisco como forma de sobrevivência.

Outra marisqueira, Dona Francisca, também demonstra preocupação com a diminuição da pesca e o aumento das pessoas que passaram a praticar a mariscagem como forma de sobrevivência:

“Hoje em dia a gente vai, e bate e bate, e não pega um quilo de aratu, não tira aratu, que não tá tendo. É o povo tirando vara, é o povo tirando madeira, escorraça os mariscos, tudo. Arrebenta com os mangues, mata os mangues. Ai pronto, fica difícil.”⁷

Por conta disso, algumas marisqueiras falam que não haverá mais pesca no futuro. Por isso, a sua atenção com os problemas ambientais e com o aumento do número de pessoas pescando, geralmente sem terem os mesmos cuidados com as formas de pescar.

Na segunda conversa que tivemos em 2008 com o grupo de marisqueiras do Teotônio Vilela, três anos após o primeiro encontro, Dona Tertulina, sempre colocando-se à frente do grupo para responder, trouxe a problemática do aumento do número de pessoas mariscando e pescando no local onde elas faziam o seu trabalho, na “coroa”, no Rio do Engenho:

⁶ Idem.

⁷ SANTOS, Francisca Maria dos Santos (54 anos). Entrevistada por Fabiana Santana de Andrade. Local: sua residência, no bairro Teotônio Vilela, Ilhéus, em 15.08.2006. Duração: 0:29:48. Gravado em fita cassete e reproduzido em áudio wav. (27.2 MB) (14 págs.)

“Tem muita gente. Todo lado que você vai, chega dentro do mangue, você encontra cinco, seis pessoas, pescando o mesmo marisco, quando não tá pescando aratu, tá pescando lá na coroa, muapem, tá tirando sururu, ou tá cavando lambreta, aquela lambreta de mangue ... a gente conhece por lambreta e mussuni.”⁸

Sua fala traz uma preocupação com a continuidade da atividade da mariscagem. Após conseguir a aposentadoria, em 2005, demonstrou preocupação com o futuro da mariscagem, pois ela tinha dois filhos ainda pescando, trazendo o marisco para ela fazer o *catado*, que é a extração do filé para depois poder vendê-lo nas ruas, barracas de praia e mesmo à colônia de pescadores.

Além do aumento das pessoas que vendem os mariscos na cidade, ela também trata da diminuição dos estoques de mariscos na “coroa”:

“A pescaria antes pra gente era melhor porque tinha menos pescador e tinha mais marisco. Você ia no mangue ... óxente, quantas vezes nós, ela e a irmã dela, nós pegamos aqui na maré, nós estávamos com dois, três, sacos de ostra. Oi o tamanho das pedra! Hoje a gente tem piquitita, não tem mais, é o maior trabalho pra você arrumar um litro da ostra escaldada.”⁹

Esta preocupação com a diminuição dos peixes é constante e comum nas narrativas dos pescadores artesanais e marisqueiras. Mais do que uma constatação dos problemas ambientais, esta população sabe que o futuro da pesca e da sobrevivência de suas famílias depende da manutenção da biodiversidade e da vida nos mangues e rios de Ilhéus. É da sua vida e de um futuro muito próximo que estão falando.

As marisqueiras do Alto do Mambape também demonstraram a sua preocupação com o futuro da mariscagem. Os esgotos domésticos são despejados diretamente nos mangues, inclusive dos conjuntos habitacionais Ilhéus II e URBS, próximos à área de mangue do Alto do Mambape. Além disso, elas falam do aumento do número de pessoas que estão retirando os mariscos de forma predatória:

Lúcia: “Eles cava, como se tivesse capinando, então aquilo ali vai matando. (...) Só vê as barrocas. É uma coisa feia tá no mangue. Então os próprios pescadores, estão destruindo o mangue.”¹⁰

⁸ Entrevista com Tertulina da Silva Mota (59 aos) e outras. Ilhéus, 12/11/2005. Entrevistadores: Luiz Henrique dos Santos Blume e Fabiana de Santana Andrade.

⁹ Entrevista com Tertulina da Silva Mota (59 aos) e outras. Ilhéus, 12/11/2005. Entrevistadores: Luiz Henrique dos Santos Blume e Fabiana de Santana Andrade.

¹⁰ **SOUZA**, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevistado por Luiz Henrique

Esta fala remete aos cuidados que este grupo de marisqueiras têm com o mangue, criticando uma postura de outros pescadores, que não enxergam no mangue um modo de vida, mas uma alternativa temporária de trabalho. A marisqueira Lúcia vive da mariscagem, aprendeu a mariscar com seu pai e ensinou às vizinhas as artes da pesca. Faz dessa arte uma *profissão*, como ela mesma fez questão de afirmar:

“... todo mundo que me pergunta o que eu faço, eu digo, “sou marisqueira”, e inclusive os meus documentos é tudo como marisqueira ... se me perguntam, qual é a minha profissão, eu falo, “sou marisqueira”, para mim, ser marisqueira é como se eu fosse formada ...”¹¹

A condição de “marisqueira” lhe dá uma identidade e revela a força desta mulher franzina, que sofre de dores e reumatismos por conta dos anos passados junto às águas de rios e mangues, mas que sabe da importância do mangue para a continuidade da sobrevivência de sua família e vizinhos, que dependem da mariscagem para a sobrevivência.

Sua vizinha e marisqueira Sônia, também situou a problemática da ocupação das áreas de mangue e retirada de madeira como um elemento a mais na devastação do ambiente em que tiram seu sustento:

Sônia: “E os outros que vão tirar madeira no mangue para fazer aquele roçado, enorme, que nem fizeram aqui em frente...”

Lúcia: “Desmatando tudo”.¹²

A retirada da madeira do mangue para o aterramento e plantação de roçados, a própria ocupação das áreas de mangue, tem sido um dos problemas que as marisqueiras têm enfrentado, na sua vida cotidiana pela sobrevivência. Além disso, pelo modo artesanal como elas realizam a coleta e a pesca do aratu, muapem, sururu, faz com que tenham que andar longas distâncias por entre os *esteiros*, até chegar à “coroa”. Depois, ao chegar em casa, após trazerem o produto da mariscagem, precisam ferventar água para cozinhar os mariscos, e aí, então, extrair o filé, que é como elas chamam o processo de “fazer o catado”. Nesse processo, utilizam-se de galhos e madeira encontrada no próprio mangue para cozinha-rem.

dos Santos Blume. Local e data: residência de Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia), no Alto do Mambape, em 17.09.2008.

¹¹ **SOUZA**, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevista citada.

¹² **SANTOS**, Sônia Roseno dos, (36 anos); **SOUZA**, Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia) (44 anos) e outras. Entrevista citada.

Ao fazerem todo o processo do “catado”, elas precisam entrar cada vez mais dentro do mangue para retirarem os galhos e madeira para o cozimento dos mariscos. Assim, o desmatamento dos mangues, das áreas de mata ciliar dos rios faz com que tenham que percorrer um trajeto longo atrás de lenha para queimar. Com isso, o desmatamento a que Sônia se referiu, torna-se um elemento a mais para dificultar o trabalho das marisqueiras.

As marisqueiras percebem o quanto as alterações no meio ambiente afetam o seu trabalho no mangue, também alterando ritmos de vida e trabalho, fazendo com que o resultado da mariscagem se torne cada vez menor, revelando também alterações no ambiente em que vivem. Sobre isso, Sônia tem uma frase que é significativa deste processo e da percepção que elas têm: “*A natureza mesmo tá mudando.*”¹³

Vivendo às margens dos manguezais, as marisqueiras utilizam-se dos recursos naturais o máximo que podem. Certos apetrechos de pesca, bem como o acesso às áreas de mangue são muito próximos do cotidiano das marisqueiras. Assim é que pude observar no quintal da casa de Dona Júlia, uma saída para o mangue, e os restos de conchas de mariscos.

Isto pode explicar os vários tipos de espécies de peixes e crustáceos encontrados e narrados pelas marisqueiras, como peixes de água doce ou salobra (o robalo é um dos mais encontrados) e, ainda, caranguejos, siris, pitús, muapem, sururú. Com isso, há uma riqueza natural que pode ser explorada pelas populações ribeirinhas, na expectativa de conseguir um bom produto para ser vendido nas ruas e feiras-livres das cidades de Ilhéus e Itabuna.

Além da observação no trabalho de campo, produzi algumas imagens do trabalho da cata do marisco e dos locais de moradia e trabalho das marisqueiras e pescadores com quem conversei. Nas idas a campo, algumas vezes pude registrar o cotidiano das marisqueiras e pescadores artesanais. O que estas imagens podem nos dizer? Partindo de uma perspectiva de um pesquisador que busca (re)conhecer experiências dessas mulheres e homens que fazem da pesca artesanal seu modo de vida, posso afirmar que esta também é uma experiência de buscar um universo desconhecido

¹³ **SANTOS**, Sônia Roseno dos, (36 anos) e outras. Entrevistada por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência de Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia), no Alto do Mambape, em 17.09.2008.

e, nesse sentido, concordo com Sontag, quando afirma: “*fotografar é apropriar-se da coisa fotografada*” (2004,p.14).

Nesse sentido, algumas fotografias aqui apresentadas procuram *apropriar-se* dessa temática, explorando um universo que também é fascinante, justamente por ser desconhecido, numa tentativa de fazê-lo imortal, ao passo que registrar estes momentos é também uma forma de *escritura*, utilizando-se de uma outra linguagem, compondo uma *paisagem*, na tentativa de um entrecruzamento daquilo que a palavra oral dos sujeitos narra e as imagens que o pesquisador constrói, a partir de suas fotografias.

Não pretendo trazer tais imagens como uma expressão do real, pois o *realismo fotográfico* entende ser a fotografia uma “expressão verdadeira” daquilo que é a manifestação do “eu” - do fotógrafo-pesquisador ou pesquisador-fotógrafo, que também participa desta construção, no momento em que estou conversando com as marisqueiras em seu local de moradia e trabalho. Mas a fotografia pode mostrar a realidade como “*não a víamos antes*”.

Assim, algumas *imagens* foram revelando uma rica experiência de lidar com o mangue e as artes da pesca dessas marisqueiras e pescadores artesanais. Para realizar a cata dos mariscos, as marisqueiras dependem das condições da maré. Em dias de maré cheia, elas ficam esperando a maré vazar, para depois seguir pelos *esteiros*, regatos formados pelo movimento das marés, no mangue. Assim é que Maria Helena e Dona Tertulina nos explicaram como fazem para mariscar.

No quintal de suas casas, elas descem até a área onde os *esteiros* se formam, de onde partem com as canoas. Empurram a canoa no meio da lama até encontrarem água suficiente nos *esteiros* para poderem navegar. Nestes pontos do mangue quando a maré enche, formam-se os *esteiros*, de onde partem com as canoas. Andando mangue adentro, percorrem grandes distâncias até encontrarem os pontos de coleta de mariscos, conhecido como “coroa” para, enfim, realizar o trabalho de catar os mariscos. A foto abaixo pode dar uma ideia da contiguidade entre a casa das marisqueiras e o mangue.



Foto 1- Área contígua ao quintal de Dona Júlia, novembro de 2005.

Esta foto foi tirada do quintal da casa de Dona Júlia, no Teotônio Vilela, quando encontramos o grupo, em 2005 e em 2008. O que parece um mangue sem condições para uma pessoa percorrer a pé sem se atolar, é um caminho para o *esteiro*. Nota-se os restos de cascas de mariscos, e uma clareira ao fundo. Caminhando por cima dos mariscos, que fazem às vezes de aterro, as marisqueiras chegam até a clareira e de lá, arrastam a canoa até o *esteiro*.

Na maré vazante, elas aproveitam-se do fluxo de água para embarcar na canoa. Quando a maré está baixa, elas precisam arrastar a canoa até o rio, e daí partir para a “coroa”, atravessando um braço do Rio do Engenho. Por ser uma região lacustre, os lagos formam-se de acordo com as marés, e dessa forma, a canoa é necessária para que as marisqueiras cheguem até a “coroa” para a mariscagem. Por saírem muito cedo, ainda sem luz do dia, as marisqueiras procuram sair em duplas, e temem por sua segurança.

Helena tem os saberes necessários para entender a maré, observando-a do quintal de sua casa. Dessa forma, na maré morta, com a água enchendo os *esteiros*, estes sulcos alagadiços na lama tornam-se as trilhas e caminhos para chegarem até as áreas de coleta dos mariscos. Helena assim nos relata:

“(...)a gente tem que ver o lugar que tem mais...o lugar que você vê aqueles cachinhos no caso das ostras ali tá cheio... às vezes você tem que meter o facão cortar bem profundo para as grandes aparecer...e no caso do muapem você tem uma área bem grande..areia pura... aí você olha se não tiver buraco você não cave porque ali não tem e onde tiver buraco você cave que pode tá ali..se não tiver buraco você não cave.”¹⁴

Seguindo pelos fundos de seus quintais, percorrem os *esteiros*, sulcos formados

¹⁴ Maria Helena Santos. Entrevista realizada por Fabiana Santana de Andrade, em 17.04.2006.

pelas águas da maré no mangue, empurrando as canoas até o rio, onde sobem nos barcos, atravessam o rio, e enfim, na “coroa”, passam a fazer a coleta dos mariscos, como o muapem, sururu, ostras e outros. Pequena ilha de areia ou de pedra, surge quando as grandes marés estão plenamente baixas. Somente visível por quem vai à maré para pescar, é um lugar onde as marisqueiras se encontram e tecem redes de solidariedade.

Por ser distante da estrada, as marisqueiras precisam caminhar no meio do mangue, entre os *esteiros*, como elas dizem. Partindo do bairro Teotônio Vilela, tomam as ruas próximas às suas casas em direção ao mangue e caminham durante vinte minutos em meio aos *esteiros*, puxando uma canoa. Geralmente vão em duplas, pois a violência é um elemento a mais de preocupação. Após andarem no meio do mangue, chegam a um braço do rio do Engenho, e aí embarcam na canoa para se dirigirem ao local conhecido como “coroa”, onde vão iniciar a pesca propriamente dita.

Neste local, depositam-se sedimentos, no leito do Rio Cachoeira, na margem esquerda, em direção à Baía da Sapetinga, onde se encontra com outros três rios, Engenho, Do Meio, para daí formar a Baía do Pontal, desaguando no Oceano Atlântico.

Apesar de estar distante do centro da cidade, e das dificuldades de acesso, este local é bem conhecido das marisqueiras de Ilhéus. O documentário “Marola” produziu algumas imagens neste cenário paradisíaco, e a pesquisadora Fabiana Andrade tirou algumas fotos deste local, numa ida a campo, em 2009.



Nesta fotografia, produzida num trabalho de campo de ANDRADE (2010,p.54), podemos *ver* as marisqueiras em seu local de trabalho conhecido como “coroa”. Na maré vazante ou “maré morta”, elas realizam a pesca ou coleta dos mariscos como muapem e sururú. Cavando no lodo – mistura de areia e outros sedimentos, elas “caçam” os mariscos, realizando movimentos parecidos com as marisqueiras que catam o chumbinho em Salinas de Margarida (GOMES, 2009).

Temos ao fundo uma paisagem em que o mangue é destacado, com os arbustos de vegetação abundantes. Chama a atenção o aspecto *das relações entre natureza e o trabalho das marisqueiras*, pois elas parecem fazer *parte* do ambiente natural. A condição de trabalho também está explicitada, pois as marisqueiras foram fotografadas realizando a coleta dos mariscos, curvando-se as costas e cavando o solo com poucos ou nenhum instrumento para lhe auxiliarem na tarefa. Dessa forma, as descrições do trabalho insalubre ganham uma importância, quando identificamos o esforço físico e a repetição dos movimentos que fazem com que o corpo das marisqueiras pareça estar sendo “dobrado” ao meio pela atividade que exercem na “coroa”.

Como Dona Júlia nos disse: *“Ali precisa natureza para a pessoa resistir e é nessa posição que a pessoa se acaba”*.¹⁵

A pesca artesanal, apesar de ser uma atividade que pouco agride o meio ambiente, é um trabalho que exige muito esforço físico das marisqueiras. A relação destas marisqueiras com a natureza não é idílica, romântica, mas é um trabalho duro. Por ser um trabalho insalubre, muitas marisqueiras adquirem doenças ocupacionais, como Maria Helena, que três anos após nosso primeiro encontro, em 2008, não estava mais conseguindo ir à maré para realizar a coleta de mariscos. Além disso, reclamou sobre as dificuldades para conseguir o afastamento médico pelo INSS, por conta das constantes idas e vindas à agência para tentar marcar o exame pericial e assim poder receber o benefício do auxílio-doença:

“Esse negócio da gente ir fazer perícia e eles dizerem: aguarda a carta em casa. E a gente não sabe se vem nada, e quando vai ver, a conta chega, já suspendeu a gente. Porque é assim. Só vem ... problema, só se vê gente queixando que foi cortado.”

Estas queixas têm sido uma constante entre os pescadores e marisqueiras com quem conversamos. Os funcionários das agências do INSS não entendem as doenças ocupacionais decorrentes das longas e permanentes idas à maré, o agachar e forçar as costas para cavar os mariscos, depois o retorno à margem também exige um esforço para levar a carga de mariscos e atravessar o rio, de canoa, para enfim, carregar os mariscos nas costas, em sacos de aniagem, até suas casas onde, finalmente, passam a extrair o filé, ou o “catado” dos mariscos.

¹⁵ Entrevista com Maria Helena Castro dos Santos (32 anos) e outras. Ilhéus, 12/11/2005. Entrevistadores: Luiz Henrique dos Santos Blume e Fabiana de Santana Andrade.

Segundo as marisqueiras com quem conversamos, elas realizam suas atividades durante a maré baixa e “maré de lançamento”, quando as águas do Rio Cachoeira e do Engenho “lançam” suas águas no mar. Dessa forma, estes *territórios* tornam-se para as marisqueiras e pescadores artesanais, locais onde não só desenvolvem as suas atividades de trabalho, mas também tornam-se referências para a manutenção das artes da pesca tradicionais.

Portanto, se há algo a aprender e a ensinar em termos de biodiversidade, devemos entender que os pescadores artesanais de Ilhéus e da região sul da Bahia nos ensinam, refazendo o contato e o equilíbrio com o meio ambiente, ao defenderem as artes da pesca artesanais. Eles refazem isto, na continuidade da tradição da pesca artesanal, lutando pela manutenção de suas atividades, por espaço nos mercados locais, sofrendo pressões de vários setores. Mas estes modos de vida e trabalho vêm sofrendo constantes ameaças.

Referências:

Entrevistas orais:

CASTRO, Júlia Dias de (60 anos); **MOTA**, Tertulina da Silva (59 anos); **SANTOS**, Gileno Ferreira dos (75 anos); **SANTOS**, Maria Helena Castro dos (32 anos); Teresa e Naiara (s/identificação). Entrevista realizada por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: Residência de D. Júlia e Sr. Gileno, no bairro Teotônio Vilela, Ilhéus, em 11.09.2008. Duração: 0:38:41. Gravado em áudio .wma. (390MB).(15 págs.)

CASTRO, Júlia Dias de (60 anos); **MOTA**, Tertulina da Silva (59 anos); **SANTOS**, Gileno Ferreira dos (75 anos); **SANTOS**, Maria Helena Castro dos (32 anos). Entrevista realizada por Luiz Henrique dos Santos Blume e Fabiana de Santana Andrade, na residência de D. Júlia e Sr. Gileno, no bairro do Teotônio Vilela, em Ilhéus, em 12/11/2005. Gravada em Fita Cassete. (Fita 1, Lado A e Lado B; Fita 2, Lado A). Duração aproximada: 1:30. (30 págs.)

SANTOS, Maria Helena Castro dos (32 anos). Entrevista realizada por Fabiana de Santana Andrade, na residência de Helena, no bairro do Teotônio Vilela, em Ilhéus, em 17/04/2006. Gravada em áudio .wav. Duração aproximada: 0:39:20. (36 MB).(8 págs.)

RODRIGUES, Antônio José (38 anos); **SANTOS**, Dulciene Costa – “Cica” (42 anos). Entrevista realizada por Fabiana Andrade. Local e data: residência de Dona Sione, no bairro São Miguel, em Ilhéus, BA, em 09.01.2009. Duração: 0:41:59. Gravado em áudio wav. (9,61MB) (20 págs.)

SANTOS, Reinaldo Oliveira dos (Zé Neguinho). (61 anos). Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume, na sede da peixaria da colônia de pescadores Z-34, no bairro do Malhado, na Av. Antonio Carlos Magalhães, 360, Malhado, Ilhéus, em 23.02.2008. Gravação em fita cassete. Duração: 0:25. (11 págs.)

MARQUES, Rosemeire Maria. (47 anos) Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência da marisqueira, no bairro São Miguel, Ilhéus, em 13.09.2008. Gravado em Fita Cassete 1 (Lado A e Lado B) e áudio .wav, 16.5 MB. Duração 1:08:25.(34 págs.).

SANTOS, Francisca Maria dos Santos (54 anos). Entrevistada por Fabiana Santana de Andrade. Local: sua residência, no bairro Teotônio Vilela, Ilhéus, em 15.08.2006. Duração: 0:29:48. Gravado em fita cassete e reproduzido em áudio wav. (27.2 MB) (14 págs.)

SANTOS, Sônia Roseno dos, (36 anos); **SOUZA**, Jucélia Jesus de, (30 anos); **SOUZA**, Maria Luciene Santos de (Lúcia) (44 anos); **PEREIRA**, Milena Santos (18 anos). Entrevistado por Luiz Henrique dos Santos Blume. Local e data: residência de Dona Maria Luciene Santos de Souza (Lúcia), no Alto do Mambape, em 17.09.2008. Gravado em áudio .wav, 13.4 MB. Duração: 0:53:36. (31 págs.)

Filme:

CERQUEIRA, Jaqueline. *Marola: seguindo o curso das águas*. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação Social) - UESC/Curso de Comunicação Social, Ilhéus, 2008. Cor, 13' (aprox.).

Bibliográficas:

ANDRADE, Fabiana Santana de. *Tecer redes, tecer histórias: as experiências de vida e trabalho das pescadoras em Ilhéus – BA, 1980-2007*. 134 fls. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana/Programa de Pós-Graduação em História/Departamento de Ciências Humanas, Feira de Santana, 2010.

BARQUETE, D. M.;**CARVALHO**, P.P.S.;**FERNANDES**, I.P.;**MELO**,T.;**SANTOS**, T.M.R. Modelagem da atividade artesanal de pesca e beneficiamento de crustáceos sob a óptica da Gestão da Produção. In: *Anais do XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO*. A integração de cadeias produtivas com a abordagem da manufatura sustentável. Rio de Janeiro, 13 a 16 de outubro de 2008. Disponível on-line em: http://www.abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_TN_STP_069_496_11071.pdf. Acessado em 24.02.2011, 17:30.

GOMES, Rosana Costa. *A vida no vai-e-vem das águas: mulheres marisqueiras de Salinas da Margarida, trabalho, cultura e meio ambiente (1960-1990)*. 147 fls. Dissertação (Mestrado Em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, Departamento de Ciências Humanas, Santo Antônio de Jesus, 2009.

PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. In: *Mnemosine*. Revista do Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ. Vol.6, nº2, p. 2-13 (2010). (Trad. e revisão de Luiz Henrique dos Santos Blume e Heliana de Barros Conde Rodrigues). Disponível on-line em:<<http://www.mnemosine.cjb.net/mnemo/index.php/mnemo/index>>. Acessado em 20.02.2011, às 08:00.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de História Oral*. São Paulo: Ed. Letra e Voz, 2010. (Trad. e revisão de Fernando Luiz Cássio e Ricardo Santhiago)

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Projeto História*. Cultura e Representação. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUCSP. (14) p.7-24. São Paulo: EDUC, fevereiro, 1997.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 5.^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
(Tradução de Rubens Figueiredo)